

## A cultura literária como sistema integrado de conhecimento

### A cultura literária como sistema integrado de conhecimento

**Manuel Neto**

Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de São Tomé e Príncipe  
(São Tomé e Príncipe)  
manuelantonioneto1966@gmail.com

Recebido: 26-02-2025

Aceite: 24-04-2025

Publicado: 25-06-2025

**RESUMO:** Esta abordagem temática discute sobre a contribuição da literatura no desenvolvimento social e cultural dos cidadãos, considerando a educação literária como um processo facilitador de instrumentos que levam as pessoas a desenvolverem o seu poder de imaginação, o juízo crítico, a cultura académica, a sensibilidade estética de forma prazerosa e inteligente. Reconhecer a importância social da literatura e incentivar a formação do hábito de leitura crítica nos cidadãos é o que este artigo vem propor. Nos nossos dias, o entusiasmo pelas novas tecnologias invadiu a literatura representando um vazio na relação tripartida autor-obra-leitor. As novas tecnologias vieram tornar tudo mais fácil e de concretização imediata. Tal facto tem vindo a empobrecer a nossa capacidade de imaginação, criatividade e senso crítico, que a Humanidade já havia adquirido através da prática da leitura dos clássicos. Perante esta realidade, pretendemos mostrar

a função social da literatura, sublinhando, neste sentido, a necessidade de estimular continuamente o gosto pela leitura crítica da criação literária para que os cidadãos continuem a encarar a literatura como um processo de contínuo prazer que coopera de forma inequívoca na formação de um ser pensante, autónomo, sensível e crítico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; Educação literária; Cultura literária; Senso crítico.

**RÉSUMÉ :** Cette approche thématique aborde la contribution de la littérature au développement social et culturel des citoyens, considérant l'éducation littéraire comme un processus favorisant l'acquisition d'instruments permettant de développer, de manière ludique et intelligente, l'imagination, le jugement critique, la culture académique et la sensibilité esthétique. Cet article propose de reconnaître l'importance sociale de la littérature et d'encourager la formation d'une habitude de lecture critique chez les citoyens. De nos jours, l'engouement pour les nouvelles technologies a envahi la littérature, créant un vide dans la relation tripartite auteur-œuvre-lecteur. Les nouvelles technologies ont rendu tout plus facile et plus immédiatement réalisable. Ce phénomène a appauvri notre capacité d'imagination, de créativité et de sens critique, que l'humanité avait déjà acquise grâce à la lecture des classiques. Face à cette réalité, nous souhaitons démontrer la fonction sociale de la littérature, en soulignant, dans ce sens, la nécessité de stimuler continuellement le goût pour la lecture critique de la création littéraire afin que les citoyens continuent de considérer la littérature comme un processus de plaisir continu qui contribue sans équivoque à la formation d'un être pensant, autonome, sensible et critique.

**MOTS-CLÉS :** Littérature ; Éducation littéraire; Culture littéraire; Sens critique.

## **Introdução**

Este artigo debruça-se sobre a educação literária e os seus benefícios, destacando o exercício de leitura crítica da criação literária como uma condição essencial para que se ultrapassem determinados patamares da vida. A obra literária enquanto testemunho vivo de aventuras e experiências humanas de diferentes tempos e lugares, a prática da sua leitura acaba por ser um pretexto para a descoberta de várias vidas, culturas e histórias que nela se encontram enredadas.

Willian Roberto Cereja (2005) afirma que na literatura cabe tudo, a música, a pintura, o cinema, o teatro, a televisão, o cartum, ciências, filosofias, histórias, a internet, entre outras áreas. Cabem, enfim, todas as linguagens e todos os textos e mídias, ou seja, nela cabe a vida que com ela dialoga. Ela é um autêntico e complexo exercício de vida, que envolve a escrita e a leitura e se realiza com e na linguagem. Nesta ordem de ideias, a literatura acaba por ser um complexo exercício de vida no qual o pensar e o olhar se exteriorizam e entram em comunicação com os outros pensares e olhares, por meio de palavras. Este desígnio faz com que a literatura seja considerada como uma instituição social, operando-se como um sistema integrado de conhecimentos e experiências oriundos da nossa memória coletiva e da nossa vida quotidiana, e, por essa razão, o seu culto desenvolve em nós a sensibilidade, a concentração, os aspetos cognitivos e linguísticos, o exercício da imaginação, enfim, proporciona-nos o acesso a diferentes saberes sobre a cultura de povos e lugares desconhecidos, tornando-nos mais compreensivos, reflexivos, críticos e abertos para novos olhares e possibilidades de entender a nossa condição humana. Isto tudo só é alcançado através da leitura da

criação literária. A leitura permite-nos refletir sobre o mundo à nossa volta, abrindo em nós novos horizontes, ampliando os conhecimentos, possibilitando novas perspectivas de entender a nós próprios e aos outros. A leitura de obras literárias ou de textos literários deixa em cada um de nós uma bagagem de experiências que nos define como leitores autónomos e críticos e que se refletem na nossa formação humana e profissional.

O presente estudo abre com um breve enquadramento histórico do conceito questionável da literatura, a sua natureza e as suas funções sociais, sublinhando a relação que existe entre a literatura e a sociedade. Em seguida, apresenta aspetos que se devem ter em consideração para o acesso a uma educação literária inteligente e significativa, baseando-se nas propostas teóricas apresentadas pelos autores supracitados.

### **O enquadramento teórico e histórico do conceito da literatura**

A origem e o conceito do lexema literatura são algo complexos e contraditórios. O domínio do conceito literatura partiu do mito e da epopeia ao romance ou novela de cavalaria, da poesia lírica e satírica medieval à poesia e prosa clássicas e modernas. Hoje, a literatura é entendida como um conjunto de obras escritas sobre vários domínios da atividade humana: medicina (literatura médica), gastronomia (literatura gastronómica), justiça (literatura jurídica), agronomia (literatura agrónoma), ecossistema (literatura ecológica), tecnologia (literatura tecnológica), etc.

No entanto, a verdadeira literatura tem por finalidade a revelação de uma realidade metamorfoseada através da visão do autor-criador. Para que haja uma obra literária ou um texto literário, é

preciso haver uma espécie de abstração e subjetividade da parte do seu autor-criador e do seu apreciador e intérprete (leitor). Neste processo criativo e interpretativo, o poeta ou escritor, por sua vez, seleciona as palavras, busca ritmos nelas através da combinação e repetição dos sons vocálicos e consonânticos, joga com sentido das palavras, inventa novas palavras, atribui novos sentidos para palavras do nosso cotidiano, organiza textos em prosa ou em versos ou de forma híbrida, finge ser alguém que não é, cria personagens fictícias, para transmitir uma mensagem, um apelo, ou desabafar as suas mágoas, os seus anseios, revelar ou exaltar um mistério, enfim, falar sobre a nossa condição humana.

Existem muitas definições para o termo literatura, o que faz com que o seu conceito seja algo revestido de muitas controvérsias. Esta realidade não começou agora, remonta desde a antiguidade greco-latina, passando pelos períodos clássicos e modernos e até os dias que decorrem. Por este motivo, Eagleton (1990) afirma que a definição do conceito da literatura fica sempre dependendo da maneira pela qual alguém resolve ler e não pela natureza do que é lido, pois alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários e a outros, essa condição é-lhes imposta. De acordo com esta perspectiva, o que importa não é necessariamente o que diz o texto, mas o modo como o seu autor utiliza a linguagem comum do dia a dia para transmitir o seu conhecimento, a sua experiência e o seu sentimento.

Ao longo dos tempos, foram feitas várias reflexões sobre o conceito, a natureza e a função social da literatura. Platão e Aristóteles foram os dois primeiros filósofos gregos que mais se destacaram sobre

a ordenação filosófica e teórica dos fenómenos e factos literários e depois os romanos vieram seguir as suas pegadas.

Uma das mais antigas reflexões sobre o conceito da literatura, desencadeada por estes filósofos, resume-se na definição da literatura como arte de palavra que imita a natureza. Em torno deste conceito, houve alguma controvérsia ente Platão e Aristóteles.

Platão na sua *Arte Poética* entendia a literatura como a mera imitação dos mundos das aparências, considerando que o único criador é Deus. Aristóteles, por sua vez, na sua *Arte Poética* foi mais longe, afirmando que a simples imitação do real afasta o ser humano ainda mais do mundo ideal, considerando que a imitação implica também a criação estética da realidade imitada, pois defende que a faculdade de criar aliada ao sensível e ao raciocínio é inata ao ser humano, uma vez que, além de lhe proporcionar conhecimentos, constitui a fonte do prazer estético. Este filósofo grego apresenta três funções fundamentais da literatura na sua *Arte Poética*. A primeira é a mimese, que significa cópia fiel da natureza ou a imitação do real, não tem um significado pejorativo, pois o seu significado está ligado ao facto de que a arte literária imita a natureza, considerando-a como fonte de inspiração para a criação da arte. De acordo com este propósito, a natureza é encarada como algo perfeito, harmonioso e estável. Neste caso, a ação imitadora do poeta ou do escritor é o transporte do particular para o universal. Este ato, segundo Aristóteles, é congénito ao ser humano. A segunda é a catarse, que é uma espécie de alívio e prazer, corresponde ao efeito suscitado pela tragédia e comédia que provoca terror e piedade ou entretenimento no seio do público, cujos cenários levam à purificação da alma ou das

emoções dos próprios espectadores. A terceira função é a verosimilhança, que é a propriedade ou a qualidade de uma obra literária capaz de representar a aparência de um mundo ou de uma realidade possível.

Este ideal aristotélico foi seguido também pelos filósofos latinos, sobretudo, Horácio, Virgílio e Homero nas suas artes poéticas e retóricas. Esta convicção manteve-se ao longo da antiguidade greco-latina, passando pela Idade Média, até aos períodos clássicos e começou a ser posta em causa nos finais do século XVIII e início do século XIX. Durante estes longos períodos, qualquer indivíduo que quisesse produzir uma obra de arte e, para que a mesma fosse considerada perfeita, era obrigado primeiramente a conhecer regras muito rígidas que estavam em vigor naqueles períodos.

Portanto, ao longo de vários períodos, o conceito da literatura conheceu várias definições, e até os tempos que decorrem, este conceito tem vindo a conhecer muitas aceções, constituindo desta forma muitas controvérsias na busca de uma definição unívoca que abarcasse todas as suas dimensões.

Esta hesitação deve-se ao facto de o conceito de literatura ser portador de uma forte carga semântica, pois, cada período da evolução humana, o mesmo vai-se adaptando às novas realidades e exigências impostas pelo tempo e espaço social onde a literatura é produzida.

Por exemplo, para os clássicos, o conceito da literatura significava o saber relativo à arte de escrever e ler, a gramática, a instrução, a erudição. No âmbito religioso, a literatura era entendida, pelos autores cristãos, por um lado, como um conjunto de textos

seculares e pagãos e, por outro lado, como um corpus de textos sagrados.

Já no início da época moderna, inaugurado pelo período do romantismo, a literatura passa a ser encarada como um fenómeno capaz de expressar a verdade essencial da condição humana (Aguiar e Silva & Victor Manuel, 1989). Deixa de ser uma imitação do real, arte de escrever e ler, a gramática, a instrução, a erudição e passa a ser uma arte de expressão verbal de carácter estético, que funciona como um instrumento de intervenção social, expressando de forma crua e nua os problemas do nosso tempo.

Neste novo quadro conceptual da literatura, o termo e o conceito da Poética, criado pelos filósofos gregos e latinos, como ciência geral das formas literárias, caíram em descrédito, isto é, os artistas literários (escritores e poetas) já não seguiam com rigor as antigas regras que regulavam a produção das obras literárias ou textos literários. Em virtude disto, a literatura, numa perspectiva mais individualista, passa a ser entendida como a expressão da interioridade do autor, o desabafo, a confissão, a imaginação, o fingimento, a noção da qual decorre a estética da autenticidade autoral, ou seja, a partir deste conceito, começa-se a valorizar a marca e/ou a presença do autor na sua obra. Numa perspectiva mais coletivista, a literatura passa a ser definida como expressão de uma determinada época ou de um determinado povo. Neste sentido, surge o conceito da literatura nacional, que é entendido como conjunto de obras de carácter ficcional, realista ou científico, produzido dentro de um país e num determinado tempo pelos escritores ou poetas deste país.

Todas as reflexões e discussões seculares sobre a problemática do conceito, da natureza da linguagem e da função social da literatura tiveram como suporte teórico e científico de um conjunto de correntes de pensamentos científicos e filosóficos que emergiram nos finais do século XVIII e nos princípios do século XIX, como o caso do iluminismo, liberalismo e romantismo. Em meados do século XX, as correntes formalismo russo, o Estruturalismo Checo e alemã e a nova crítica anglo-saxónica inauguram uma nova abordagem crítica e científica sobre os factos e fenómenos literários, buscando formalizar o novo campo dos estudos da literatura. Este facto permitiu criar condições para que os estudos da literatura sejam feitos com base nos depoimentos científicos de muitas disciplinas. Desta forma, este novo campo dos estudos da literatura é entendido como um campo de conhecimento, de investigação e de ensino da literatura como arte e como uma instituição cultural e social. Neste campo contempla as disciplinas como: a Teoria literária, Análise literária, Historiografia literária/História da literatura, Crítica literária, Didática da literatura, as quais elaboram e defendem conhecimentos sobre os factos e fenómenos literários. Estas disciplinas estabelecem entre elas uma relação de interdependência e complementaridade, ou seja, elas dependem umas das outras para completarem as insuficiências que existem entre si.

As referidas disciplinas do campo dos estudos da literatura não têm dignidade científica e, para exercerem as suas ações, recorrem ao auxílio de muitas disciplinas científicas e especulativas como: a Linguística, a Estilística, a Semiótica, a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia, a Filosofia, a História, entre outras, as quais fornecem

depoimentos teóricos e científicos, os princípios metodológicos e estratégicos que ajudam os estudiosos e os críticos literários a elaborarem os conceitos operatórios, as hipóteses explicativas, os métodos e os instrumentos analíticos e descritivos sobre os factos e fenómenos literários, permitindo desta forma compreender com rigor sistemático de uma criação literária concreta e individual de um autor, visando descodificar os sentidos ocultos de que se reveste e o seu valor ideológico e didático na sociedade.

Na segunda metade do século XX, houve um trabalho de sistematização de todos os conhecimentos produzidos até então sobre factos e fenómenos literários desencadeado pelos formalistas russos e estruturalistas checos e alemães e a nova crítica anglo-saxónica. Este trabalho culminou com a formalização ou a institucionalização do atual campo dos estudos da literatura. O referido trabalho consistiu fundamentalmente na criação de academias, que facultaram a divulgação dos estudos desencadeados sobre os fenómenos e factos literários e a sua estabilidade e notoriedade; nomeadamente, a atribuição do prémio Nobel da literatura, que funciona como um mecanismo que tende a valorizar a obra literária e o seu criador; a instauração do sistema de ensino universitário de literatura, que permitiu a conversão da literatura em instância de validade institucional e, por fim, o desenvolvimento da crítica literária como um instrumento essencial no processo de receção e valoração de obras e do seu autor no meio do público.

## **A natureza da matéria que constitui a literatura**

Quando falamos da matéria que constitui a literatura, estamos a falar da sua linguagem que se reveste de uma certa elegância artística, o que a distancia da linguagem comum do dia a dia. A linguagem literária diferencia-se da linguagem comum do dia a dia ou da linguagem científica, porque se trata de uma linguagem trabalhada artisticamente pelos artistas literários, os quais lhe ostentam um carácter estético e sublime, através do uso das figuras da linguagem, do pensamento, da sintaxe e os usos de outros recursos expressivos da linguagem.

Quando afirmamos que a literatura é uma arte de expressão verbal de carácter estético, estamos a referir-nos a um conjunto de processos criativos inerentes à produção literária, quer na sua vertente oral, quer escrita.

O aproveitamento estético que o poeta ou escritor faz da língua veicular do quotidiano reside essencialmente na aplicação dos recursos estilísticos ou figuras de estilo, os quais imprimem na língua comum do dia a dia uma certa expressividade, um certo ritmo e musicalidade, uma certa melodia, o que provoca no ato da leitura da criação literária um certo prazer estético.

A Literatura é uma linguagem oral ou escrita assegurada por um discurso artístico polissémico, de natureza estética e emocional, cujo funcionamento deve ser apreciado e compreendido pelo leitor no ato da leitura analítica e crítica da obra ou do texto. Este discurso não está desligado do mundo real, isto é, da sociedade a qual reflete. Trata-se de um discurso que visa, sobretudo, suscitar o prazer estético, solicitando do leitor competências e disponibilidades para participar

num jogo discursivo, na construção de sentidos de um mundo possível construído pelo autor da obra ou do texto.

A compreensão de uma obra de arte é algo circunstancial, na medida em que não há um paradigma para toda a gente.

Uma criação literária é sempre algo desconhecido, ela resulta de uma visão pessoal e subjetiva do autor-criador. O importante na compreensão de uma obra de arte não é apenas descobrir a mensagem nela veiculada, o mais importante consiste em descobrir o modo como essa mensagem foi construída e a relação que a mesma estabelece com a realidade, com a nossa memória coletiva, enfim, com o contexto sociocultural e histórico que ela retrata.

Não existe propriamente uma linguagem literária, existe, entretanto, um aproveitamento estético da língua veicular pelo poeta ou escritor para transmitir os seus anseios, desabafos, conhecimento, experiências de vida ou exaltar um mistério e/ou apelar para uma causa social. Neste processo de exteriorização do interior permite o poeta ou escritor construir um mundo novo ficcional e verosímil, através de um processo criativo de imagens, sons, ritmos e símbolos do mundo real do quotidiano.

A postulação da literariedade enunciada pelos formalistas russos e estruturalistas checos, Roman Jakobson, Yuri Tynianov e muitos outros, no século XX, veio permitir a compreensão da natureza da linguagem literária, que se caracteriza pelo seu carácter estético, ficcional, verosímil, subjetivo, plurissignificativo, conotativo e lúdico. O conceito de literariedade é compreendido como sendo as características intrínsecas e específicas da linguagem dominante numa criação literária, aquela que a distingue da linguagem do quotidiano.

Esta descoberta constitui um elemento importante para a definição da natureza da literatura enquanto arte de expressão verbal de carácter estético e emocional.

Roman Jakobson, com base nas obras poéticas perfeitamente enquadradas dentro da perspectiva aristotélica, afirma que a função da linguagem literária é predominantemente de natureza poética (estética). E, neste sentido, a linguagem literária volta-se para si mesma, sem ter em conta os fatores externos (contextos socioculturais e históricos). Jakobson sustenta a tese de que não há razão para separar literatura da linguística, se a primeira constitui a arte da criação verbal de carácter estético e segunda é, por excelência, a ciência encarregada de estudar a linguagem verbal em todas as suas manifestações.

Para este pensador, a linguagem dominante em qualquer criação literária (obras literárias ou textos literários) é a linguagem poética, isto é, inspiradora, centrada apenas na mensagem.

Yuri Tynianov, por sua vez, afirma que o carácter estético que caracteriza a linguagem literária, por si só, não define toda a dimensão da linguagem de uma criação literária, pois esta contém outras dimensões como: a dimensão sociocultural e histórica.

Os críticos anglo-saxónicos dos anos 60 da corrente New Criticism, nomeadamente, René Wallek e Austin Warren sublinham, no seu livro *Teoria da Literatura*, a dimensão pessoal e social da literatura, afirmando que a mesma é algo que só pode ser praticado no meio social, considerando que alguns processos literários como, por exemplo, o simbolismo e a metaforização do real são, por essência, o reflexo da vida na sociedade e do mundo à nossa volta.

A partir destes depoimentos, podemos compreender que a linguagem literária é portadora de três dimensões: a estética, entendida como o modo como o poeta ou escritor utiliza a língua veicular, tornando-a mais expressiva e melódica possível, recorrendo a figuras de estilo e a recursos expressivos da linguagem; a sociocultural, a linguagem literária é portadora de valores e os significados oriundos do contexto sociocultural os quais ela reflete; a histórica, referente à memória coletiva de um povo ou de uma determinada época.

### **A educação literária escolar**

A educação literária escolar é um pretexto que a escola usa para desenvolver mecanismos que proporcionam aos estudantes uma cultura literária que lhes permite ultrapassar o simples consumo de textos literários. Este processo passa pela prática de leitura orientada pela escola e por meio de esforços pessoais. O hábito e o gosto pela leitura é uma condição fundamental para que o indivíduo possa ter êxito na escola e na vida profissional e pessoal e contribuir para uma sociedade simultaneamente diferenciadora e coesa na nossa matriz democrática, como afirma Alçada (2008,):

O processo de ensino-aprendizagem de leitura de uma criação literária no contexto escolar tem sido levado a cabo através do desenvolvimento de atividades como leitura analítica, interpretativa e compreensiva, traduzindo-se em seguinte ações protocolares:

1. Ler o texto ou a obra atentamente, as vezes necessárias para apreender o seu sentido global. Se necessário, procurar no

dicionário as palavras cujo significado não seja completamente claro.

2. Descobrir o tema e/ou assunto de forma muito simplificada, podendo distinguir tema de assunto da seguinte forma: o tema corresponde ao objetivo do autor ao escrever o texto ou a obra e deve ser redigido com clareza e brevidade, evitando os pormenores; o assunto é um breve resumo onde se conservam os pormenores mais importantes das ideias desenvolvidas no texto ou na obra.

3. Apreender a forma como as ideias se articulam dentro do texto e detetar os mecanismos de coesão e de coerência que o suportam.

4. Analisar com pormenor e objetividade os elementos que, a nível da linguagem, são mais valorizados pelo autor e que contribuem para o seu significado global:

- a versificação (metro, estrofe, rima, ritmo);
- o predomínio de determinados sons (vocálicos e/ou consonânticos);
- o valor das diferentes classes de palavras;
- o tipo de frases;
- a estrutura e a articulação das frases e o respetivo valor contextual;
- os níveis de língua;
- as funções da linguagem;
- as figuras ou recursos de estilo;
- os modos de relato de discurso;
- a pontuação;

- a relação entre o texto em análise com outro texto do mesmo autor ou de um autor diferente que têm algo convergente ou divergente (estilo da escrita e da linguagem, o gênero textual e a intenção comunicativa).

O exercício da leitura e da escrita, neste mundo globalizado em que vivemos, torna-se cada dia que passa um fator indispensável, quer para o desempenho de um papel social ativo e responsável, quer para o simples exercício da cidadania.

A leitura e a escrita são práticas sociais que se relacionam e complementam a formação do indivíduo para um pleno exercício de cidadania ativa, responsável e competente. Assim, podemos afirmar que a leitura e a escrita são os melhores instrumentos para a construção do conhecimento.

O ensino e aprendizagem da leitura e da escrita constituem um processo complexo, a partir do qual o indivíduo adquire competências fundamentais para a sua escolaridade básica e vida futura.

Muitos estudiosos que se dedicam ao estudo sobre esta matéria defendem que a leitura e a escrita são usos secundários da língua, não são competências adquiridas natural e espontaneamente como a língua oral. Isto significa dizer que têm mesmo de ser ensinadas, cabendo à escola a grande responsabilidade desse ensino.

Segundo Amaro (2006, p.12), a leitura é uma aprendizagem complexa que proporciona possibilidades variadas de entendimento da relação sujeito-sociedade. Essa não se limita apenas à decifração de alguns sinais gráficos. Exige do indivíduo uma participação efetiva, enquanto sujeito ativo no processo, contribuindo de forma ativa na

produção de sentido e construção do conhecimento a partir da apreciação crítica do texto abordado. Podemos afirmar que a competência da leitura implica a compreensão do mundo à nossa volta.

Durante a leitura, o conhecimento linguístico, o conhecimento textual e o conhecimento do mundo devem ser ativados para poder chegar ao momento da compreensão efetiva do texto (Kleiman, 2011, p. 26).

Ler uma criação literária é ser capaz de dialogar, de interagir com o texto, é como se existisse uma espécie de intercâmbio cognitivo entre o texto e o leitor (Zilberman, 1987, p. 24).

A escola tem uma grande responsabilidade nesse processo. A competência da leitura da criação literária sugere não apenas a compreensão do mundo à nossa volta, como também potencializa e alarga conhecimentos da escrita, instrumento essencial no âmbito da nossa interação com os outros.

Assim, é perceptível que a leitura literária implica uma compreensão, não só pela decifração dos elementos estruturantes de textos, mas também pela construção de uma atitude crítica perante o texto apreciado. Enquanto o gosto e a prática de leitura da criação literária assumir o papel preponderante no processo de recolha de informações e a partir destas construir conhecimentos de forma a adquirir a capacidade crítica, não se pode deixar de questionar os métodos pedagógicos adotados nas aulas de abordagem de criação literária.

No ato da leitura de uma criação literária, o texto ou a obra deve ser encarada como um objeto artístico e cultural, que está ao serviço de uma comunicação entre o leitor e o sujeito enunciador da

mensagem. Como todo e qualquer tipo de comunicação contempla uma linguagem, a da criação literária, que é suportada por um discurso artístico polissêmico, daí que o seu funcionamento deva ser compreendido criticamente pelo aluno-leitor-intérprete.

A leitura da criação literária é o principal instrumento para o entendimento da cultura literária, cuja aprendizagem é dependente de um ambiente propício e a escola afirma-se como um espaço ideal para aprendizagem de mecanismos necessários que permitam o seu alcance.

A literatura é, sem dúvida, um sistema de conhecimento, porque a partir dela o leitor consegue desenvolver reflexões sobre uma série infinita de conhecimentos oriundos de vários ramos do saber. Assim, podemos dizer a literatura tem uma função cognitiva, isto é, através da prática da sua leitura descobrimos algo desconhecido e misterioso, e no exercício desta descoberta, interagimos com muitas informações, ideias e experiências, enfim, este exercício permite-nos entrar em contacto com muitas culturas, o que abre os nossos horizontes, possibilitando o acesso à cultura literária. A cultura literária é a mais completa de todas as formas de cultura, pois nela há cruzamento de muitas culturas: cultura filosófica, científica, artística, tecnológica, religiosa, política, económica, histórica, social, etc.

A literatura neste sentido é encarada como uma condensadora e detentora privilegiada de aventuras e experiências humanas, por isso, encerra em si mesma, um sistema de conhecimento resgatado na sociedade onde ela é produzida. Deste modo, ela acaba a ser o reflexo do itinerário histórico profundo da humanidade em termos da estética, da ideologia e da cultura de um determinado povo ou lugar

e de um determinado tempo. Ela é uma arte repleta de criatividade, prazer e cuja aprendizagem requer um espírito crítico.

A literatura enquanto arte de compor textos através de palavras constitui uma autêntica forma de comunicação, visto que ela apresenta uma linguagem própria e variável conforme a sua natureza (verbal, icônica, imagética, etc.) e, através dela, o poeta ou escritor expressa as suas ideias, emoções, sentimentos, pensamentos, experiências de vida, exalta um mistério, contempla o encanto da natureza e da mulher, manifesta uma revolta, uma mágoa, uma dor, apela à justiça, denuncia os absurdos da nossa condição social. Ao fazer isto, ele está a comunicar com a Humanidade.

A comunicação literária é sempre materializada ou concretizada através da leitura literária da criação literária, pois é através desta atividade que o leitor estabelece o contacto com o mundo imaginário do autor-criador da obra literária ou do texto literário. No ato desta leitura, há uma relação de cumplicidade entre escritor /poeta, obra e o público leitor.

Quando os escritores ou poetas produzem uma obra literária não devem escrever a pensar nos leitores, pois, dada a variedade de gostos dos leitores, é difícil um escritor escrever para um público específico a não ser aqueles escritores que dedicam escritas direcionadas para um público infantil ou aqueles escritores de intervenção social, que escrevem para uma causa social, alertando o público leitor para uma tomada de consciência.

### **Considerações finais**

A Literatura é uma área de conhecimento de capital importância para a formação e desenvolvimento humano, não somente pela gratuidade e entretenimento que a ficção proporciona, mas por possibilitar aos leitores refletirem criticamente sobre si e sobre o mundo à sua volta, a partir da visão crítica, melancólica, contemplativa, confessionista, apelativa ou narcisista do autor do texto. Por isso, o hábito de leitura dos textos literários deixa em cada indivíduo leitor e intérprete uma bagagem de experiências que o define como cidadão instruído.

Ressaltamos, portanto, que o gosto pela leitura literária não deve estar relacionado apenas com às exigências estabelecidas pelas instituições de ensino. Entretanto, fora desse âmbito, cada indivíduo deve adquirir o gosto e o prazer de ler, lendo continuamente, para poder exercer plenamente a sua cidadania, na sociedade onde estiver inserido.

### **Referências**

- Aguiar e Silva & Victor Manuel (1989). *Teoria da Literatura*. Editora Almedina. Coimbra.
- Alçada, Isabel (2008), in *círculo de leitores*, nº 175.
- Amora, António Soares (2006). *Introdução à Teoria da Literatura*. Cultrix: São Paulo.
- Cereja, W. R. *Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*. São Paulo: Atual, 2005.
- Kleiman, Ângela (2011). *Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da leitura*. São Paulo: Contexto.
- Matos, Maria Vitalina Leal de. (2001). *Introdução aos Estudos Literários*. Lisboa.
- Zilberman, Regina (1987). *A literatura infantil na escola*. 6ª ed. São Paulo. Global ed.